

Emigração e níveis de cultura: a União Portuguesa do Estado da Califórnia (1880-1980)

De 1880 a 1980 tem decorrido a história de uma das sociedades de portugueses nascidas na Califórnia. São cem anos de emigração e cem anos de história fixados pela UPEC (União Portuguesa do Estado da Califórnia). É um tempo longo e que requer um estudo aprofundado. Esta comunicação revela o início de um trabalho de investigação. Pareceu-me importante apresentar desde já alguns dados. Uns foram-me revelados na visita que fiz em 1980 à UPEC e em cujo centro cultural trabalhei. Outros são produto da análise cuidada de documentos que a UPEC tem vindo a pôr à minha disposição.

I — Em 100 anos de emigração, quantos foram os portugueses que emigraram para os Estados Unidos da América? Destes, quantos emigraram para a Califórnia? Quantos regressaram? Quantos se naturalizaram cidadãos americanos? Quantos são os luso-americanos, descendentes de portugueses imigrantes?

A estas perguntas só aturados e diversificados estudos irão, ao longo dos anos, fornecer algumas respostas. Mas muitas delas ficarão sempre incompletas e outras nunca virão a ser dadas, pois não existem estatísticas fiéis e houve documentos que se perderam. Nem consulados, nem governos civis, nem registos americanos podem responderem completamente às perguntas sobre todos os portugueses emigrantes legalizados e muito menos sobre claudestinos.

A questão da quantificação ficará sempre entre parâmetros oscilantes, dependente de critérios estatísticos.

Também, e por maioria de razão, a questão da qualificação é tremendamente difícil de esquematizar, mas mais aliciante para tentarmos entender os problemas da cultura portuguesa — problemas que não se restringem ao território europeu, mas se estendem às comunidades portuguesas ou às colónias de portugueses.

Se nos é permitido apresentar desde já, não uma conclusão, mas uma pista de trabalho, ela será: o emigrante português pretende manter na Califórnia¹ as estruturas mentais de que pôde aperceber-se na Pátria, numa primeira juventude, mas adquire, como complemento de formação, uma nova mentalidade — o que lhe dá uma estrutura cultural multifacetada, mas inde-

* Universidade Nova de Lisboa.

¹ E, duma forma geral, nos locais onde existe uma relativa quantidade de portugueses, onde surgem sociedades, clubes ou escolas para os filhos.

finida. Quase sem passado, porque emigrou muito cedo, é um homem que vive o dia-a-dia. Integrando-se numa comunidade de portugueses e a seguir numa sociedade ou associação de socorros mútuos, ou associação de beneficência, ou religiosa, sente-se mais protegido no imediato e integrado rodeado de alguns seus iguais. Se essa associação prospera, o emigrante sente-se pessoal e individualmente prestigiado. Isso faz parte da sua afirmação numa terra de vencedores.

Mais tarde, os filhos de imigrantes e os netos de portugueses procuram as raízes familiares e as origens histórico-culturais dum povo tradicionalmente emigrante.

Assim, uma sociedade de socorros mútuos pode, 100 anos volvidos, ser uma associação cultural, mantendo-se como uma sociedade seguradora.

É o caso da UPEC, iniciada formalmente em 1880 e que comemorou o centenário em 1980. A história destes cem anos de emigração para a Califórnia pode ser (e deve ser) estudada sob vários prismas. A nossa abordagem procura focar apenas níveis de cultura.

II — A UPEC é talvez a mais prestigiada associação portuguesa da Califórnia, onde outras existem e outras existiram. É, no entanto, a mais antiga² e a sua vitalidade pode-se documentar através, inclusivamente, das actas das assembleias e congressos anuais, para lá de outros documentos, iniciativas e actividades.

Porquê na Califórnia tantas associações de portugueses? O associativismo não é decerto uma característica cultural portuguesa, pelo menos nas últimas décadas. Mas esse fenómeno é detectável na Califórnia. Em outros estados americanos, Massachusetts, Nova Jérсия, Rhode Island, por exemplo, onde também existem colónias de portugueses, encontram-se algumas associações, alguns clubes, mas o fenómeno é mais recente e tem características diferentes. Das associações californianas é a UPEC a mais representativa, pela idade, pela vitalidade, pela quantidade de sócios³ que nela foram participando, pelas verbas movimentadas, despendidas e acumuladas, pelos fins e metas perseguidos, pelas actividades culturais que hoje desenvolve e pela personalidade e individualidade interessante dos seus Estatutos, Constituição e Cerimonial, só comparáveis à personalidade e individualidade dos presidentes que a têm acompanhado ao longo de um século.

Cabrilho, português, descobriu a Califórnia, mas os Portugueses só aí se fixaram, em número significativo, pelo século XIX, e, numa grande percentagem, esses portugueses eram açorianos.

Dos Açores partiam muito jovens (a média de idade pode ser estimada abaixo dos 20 anos), alguns com 13, 14 anos, aportando a Nova Inglaterra e vivendo uns primeiros tempos em New Bedford ou em Boston, ligados às coisas do mar, à pesca da baleia⁴, de acordo com uma tradição açoriana. Mas outros açorianos tinham uma experiência rural-agrícola, aliando a uma experiência de pescadores a experiência de lavradores e de (pequeníssimos)

² Outras se iniciaram anteriormente e podem ser consideradas como o balão de ensaio da UPEC. É a mais antiga porque existe permanentemente ao longo destes 100 anos.

³ Muitos dos sócios da UPEC, e até dos seus dirigentes, foram sócios de outras sociedades portuguesas e, nalguns casos, também seus dirigentes.

⁴ Em New Bedford é interessante o Museu da Baleia, onde está registada a presença portuguesa. Num filme recentemente realizado, ainda foram pescadores dos Açores que ajudaram a documentar o que era a aventura da pesca à baleia.

proprietários. Na Califórnia era principalmente a terra que os chamava, embora também tivessem participado na aventura do ouro. Mas o chamamento da terra foi o que permaneceu. A terra, a grande extensão da terra, e a sua exploração, que então se iniciou de uma forma industrializada: eram as vacarias, as leitarias, a fruticultura, a horticultura, as primeiras experiências de vinha.

Porém, para os primeiros tempos, havia uma experiência comum a todos os emigrantes: a pobreza, a miséria, a doença, a morte desamparada e precoce. E, num país de igualdade, os portugueses imigrantes nem na morte eram iguais. A miséria e a morte conduziam-nos à incineração — o que contrariava as suas convicções e abalava as suas estruturas mentais. Os vivos faziam então peditórios que permitissem um enterro à portuguesa. Os peditórios eram constantes e, como tal, tornavam-se vexatórios. A discriminação era manifesta. Mas a nova terra era uma promessa a conquistar.

Depois de tentativas de dezenas de anos, um grupo de trinta portugueses conseguiu manter-se unido e levar para a frente uma associação que hoje tem cem anos e é o orgulho dos seus sócios.

A preocupação de ajuda, de interajuda, de socorro na desgraça e na morte, de solidariedade, está patente na organização desta sociedade, mas também o espírito de progresso, de alteração de mentalidades, de luta por melhores condições de vida e de luta contra os preconceitos. A sociedade de socorros mútuos alargou-se a interesses comerciais-financeiros, abriu-se a todos os credos, aceitou homens e mulheres, aliciou os jovens, desenvolveu actividades culturais, interveio e participou em atitudes cívicas, mantendo uma individualidade enriquecida pelo caldear de culturas e de experiências. Os portugueses emigrantes iam ganhando as raízes culturais que haviam perdido, recriando-as e estudando-as, sem as impor e assimilando de geração em geração o que o país novo e rico tinha para lhes dar.

III — A UPEC abrange todo o estado da Califórnia, com conselhos ou filiais que se foram organizando ao longo dos tempos. A sede é em São Leandro, cidade muito próxima de São Francisco, do outro lado da Golden Gate. Todos os anos o congresso se reúne numa diferente cidade, sendo organizado pela respectiva filial. E desse congresso se reúne o mais importante numa acta que consta de um resumo dos trabalhos e de anexos com os respectivos documentos. Estas actas têm sido metodicamente redigidas desde 1887, data a partir da qual a UPEC tem uma existência legal, formal e estável.

Foi em São Leandro, no Centro Cultural da UPEC e na sua biblioteca (Biblioteca J. A. Freitas)⁵, que encontrei o mais interessante e rico conjunto de documentos para o estudo dos portugueses na Califórnia. Foi-me possível consultar muitos dos jornais portugueses editados no estado da Califórnia desde finais do século XIX e adquiri conhecimento com documentos, objectos e personalidades pioneiras da UPEC. Tive na mão o martelo ou maço de madeira com que se orientam as sessões, a caixa e as bolas das votações, as insígnias dos dirigentes e os seus trajes de cerimónia, as insígnias, os retratos dos velhos pioneiros e de todos os ex-presidentes, as condecorações, os livros de actas, fotografias fixando acontecimentos de quase 100 anos, requerimentos de adesão à sociedade (1892), bilhetes de ingresso, convites, discurs-

⁵ A Biblioteca deve este nome a um dos seus mais interessantes presidentes, como veremos adiante.

sos, tendo-me sido dado assistir à projecção em antestreia do filme das comemorações do centenário ⁶, que decorreu na primeira semana de Agosto de 1980.

IV — A organização da União, o seu nome, os Estatutos, o Cerimonial, apoiam-se em rituais e experiências maçónicas que chegaram à UPEC por várias vias e através de alguns dos seus sócios, em épocas diferentes, mas admitimos que o primeiro regulamento interno, para lá da vontade da constituição da própria sociedade, se apoiou no conhecimento e cópia dos Estatutos da Sociedade de Beneficência de Boston, que, cerca de 1867, pela mão de um emigrante açoriano, Francisco Pimentel, chegava à Califórnia. Pimentel era maçã e familiar de José Pimentel, que foi o segundo presidente da união, entre 1891 e 1892, e também abertamente maçã. Fora um dos trinta que tinham fundado a União ⁷.

Os Estatutos, a Constituição e o Cerimonial foram algumas vezes alterados no sentido de uma actualização e de responderem às necessidades organizativas da União.

A vitalidade e a organização da UPEC são detectáveis pela eleição sucessiva dos presidentes, a que os congressos anuais procedem, e, de 1887, ano em que o cargo é institucionalizado, a 1980, esse lugar foi desempenhado por 83 sócios. Estes foram, por norma, vice-presidentes no ano anterior à eleição para presidente e quase sempre desempenharam outros cargos, na sede ou nas filiais, antes e depois de serem presidentes, e muitos poucos o foram por mais de um ano.

Quem foram os presidentes da UPEC? Podem eles ser representativos da colónia portuguesa e referentes de índices e níveis culturais?

Números oficiais de portugueses (Consulado de Providence) apontam para 154 490 residentes portugueses, em Janeiro de 1978, nos Estados Unidos. Estatísticas oficiais americanas (Department of Justice, Immigration and Naturalization Service) admitem que em 154 anos (de 1820 a 1973) houve 389 149 portugueses imigrantes nos EUA. Se considerarmos a emigração das últimas décadas, de 1941 a 1973, e se esta corresponde aos residentes actuais, teremos 119 831. Embora sem estatísticas para 1974-77, de acordo com as leis americanas, a quota portuguesa de imigrantes deve estar dentro dos 10 000 emigrantes anuais dos últimos anos, o que aproxima extraordinariamente as estatísticas portuguesas e americanas: 156 000 para 159 000, números redondos.

Assim, parece que se poderá ter alguma certeza nos números portugueses, que nos apontam para 21 261 portugueses residentes em 1978 na Califórnia e para 4718 naturalizados cidadãos americanos, ou seja, 22,19%.

Se tivermos em consideração a lei americana e as vantagens da naturalização, principalmente no que concerne a facilidades dadas a familiares próximos que pretendem emigrar, ultrapassando as quotas estabelecidas legalmente, admitimos que esse número corresponde à realidade da colónia.

Então, se para a Califórnia, em 1978, existem quase 26 000 portugueses, parece interessante saber que 11 818 são sócios da UPEC — ou seja, 45,49% (quase metade dos residentes).

⁶ Resumindo toda esta riqueza cultural, o livro de Carlos Almeida, *Portuguese Immigrants*, Supreme Council of UPEC, São Leandro, Califórnia, 1978.

⁷ Esta informação é fixada por Manuel Silveira de Andrade, açoriano naturalizado cidadão americano em 1874. Vide Carlos Almeida, *op. cit.*, pp. 8 e segs.

Nestes números escapam-nos, por agora, os números referentes aos luso-americanos, isto é, aos descendentes de portugueses, já nascidos na América e, naturalmente, cidadãos americanos⁸.

Tentar encontrar números não é possível no presente estado dos conhecimentos e aqueles que são por vezes divulgados entram no reino da fantasia. Não me parece que para este trabalho devamos arriscar qualquer número, por defeito ou por excesso, já que os seus parâmetros são eminentemente subjectivos e seria também necessário definir o que é ser luso-americano.

V — O neto de português imigrado filho de pais nascidos nos EUA é americano pela educação, pela cultura, pela integração, pelo trabalho, pela família. Começa, no entanto, a revelar uma enorme curiosidade — porque é mais culto e mais educado — pelas suas origens. A Europa e a cultura europeia são um preconceito para o Americano e o descendente de portugueses (cruzado por vezes com outras nacionalidades) é tocado pelo ambiente de pesquisa, de certeza científica, de indagação. Interessa-se e estuda. Mas todos os americanos são descendentes ainda muito próximos de imigrantes — o que não lhes dá nenhum deslocamento. Em 1814, o presidente Madison, num discurso de Ano Bom, dizia que a América estava aberta aos emigrantes, com uma condição: que os Europeus deixassem na Europa a pele da Europa⁹.

A Europa enviou para os Estados Unidos da América, em 100 anos, entre 1861 e 1960, quase 30 milhões de indivíduos (exactamente 29 825 249, segundo os serviços estatísticos americanos), para um total de 283 055 portugueses, no mesmo período, o que não chega a 1% (0,949%).

No entanto, os portugueses nunca se quiseram considerar, legalmente, uma minoria. Não invocam essa condição, ainda que eventualmente lhes trouxesse algumas regalias. Com um certo espírito individualista e lutador, querem valer pelo que são como pessoas ou em grupo, ou sociedades, mas onde possam ditar a lei, rejeitando um pouco as leis gerais, para as quais, afinal, não contribuíram.

Assim se justifica a UPEC, que é, entretanto, chamada e ouvida em certos negócios do Estado, sendo convidada para celebrações e festejos oficiais. Desta forma, os Portugueses têm mantido, preservado ou reinventado a sua cultura. É assim que em 1980, numa manifestação de rua, tipo cortejo alegórico, durante os festejos das comemorações do centenário da UPEC, com os directores envergando insígnias e bandeiras, a banda tocando, os sócios participando, a encabeçar o desfile comparece Jorge Azevedo — ex-supremo presidente no ano de 1975-76, nascido já na Califórnia, em 1913, filho de pais açorianos, proprietário de dois restaurantes em San Pablo — montado num magnífico e lindíssimo cavalo branco, ajaezado a rigor e o cavaleiro ricamente vestido de camisa e colete bordados e largo chapéu branco de *cow-boy*.

VI — Tentemos responder à questão: quem foram os presidentes da UPEC?

⁸ Helder Pinto (*Portugueses na Califórnia*, Lisboa, Editorial Notícias, 1978, p. 21) considera alguns números: «[...] meio milhão de luso-americanos e 50 mil portugueses habitam hoje a Califórnia». Outras consultas nos referiam outros números. O nosso trabalho não pretende confirmar ou negar estatísticas, apenas alertar para a dificuldade de aceitar alguns números que são propostos.

⁹ *O Portuguez*, Londres, 1814, vol. X, pp. 460 e segs.

Não é fácil avaliar o nível cultural destes homens, mas, lendo atentamente as actas, reconhece-se sem esforço a dignidade com que os trabalhos decorrem, como se processa a eleição, na generalidade por unanimidade, numa escolha como que consensual, processada ao longo de anos de desempenho de outros cargos. Naturalmente se passa de vice-presidente a presidente e naturalmente se desempenhará essa função apenas por um ano.

Discussões existem, pontos de vista, propostas ou projectos de alteração da Constituição ganham e perdem em votações. Elementos que saíram ostensivamente da União também existem, numa demonstração de sociedade viva, com sócios participantes, activos, com ideias próprias. Mas é uma lição de democracia o esforço de cem anos pela unidade, prestígio e desenvolvimento que a UPEC atingiu em redor desses presidentes de um ano e que desempenham com todo o brio as suas funções, que se resumem quase só à obrigação de visitar durante esse período do seu mandato todas as filiais e em investir os novos aderentes. É ao conselho dos directores que cabem as outras tarefas e nelas participam, a maior parte das vezes, os ex-presidentes.

Assim, admitimos que os portugueses da Califórnia se reconhecem nos presidentes da UPEC e, através dum estudo sobre essas personalidades, poderemos apontar alguns caminhos indicativos sobre os níveis culturais da emigração portuguesa na Califórnia.

Vejamos:

1. São eleitos presidentes indistintamente indivíduos nascidos nos EUA, nos Açores ou em outros locais, como foi o caso de Anthony Wilson, nascido no Nevada, em 1876.

2. São eleitos presidentes indivíduos de idades diferentes. O mais jovem presidente foi Josephe Thomas Lopes, nascido na Califórnia e eleito em 1936, quando tinha 27 anos. Com 28 anos tinha sido eleito Louis Alfred Enos, em 1905, e também com 28 anos foi eleito Steve Machado, em 1976. Steve, nascido na Califórnia em 1948, era filho de descendentes açorianos, nascidos, já eles, nos Estados Unidos.

Por outro lado, o mais velho presidente da UPEC foi Manuel Furtado Simas, eleito em 1973, quando tinha 71 anos de idade.

Pela época de 1960-70, os presidentes da UPEC são acentuadamente mais velhos, embora isso não constitua regra geral.

3. Em 1978 é eleita a primeira mulher presidente da UPEC. Tinha 60 anos quando desempenhou esse cargo. Nasceu nos Açores, mas foi para os EUA com 2 anos de idade, acompanhando os pais.

4. O primeiro presidente da UPEC, António Fonte, tinha 61 anos quando foi designado para esse cargo e o segundo, José Pimentel, 58 anos. Mas desde vinte anos antes que ambos se interessavam e diligenciavam fundar uma associação que protegesse os Portugueses.

5. Foi dos sócios entre os 31 e os 45 anos que saiu o maior número de presidentes.

6. Concretizar a profissão, as habilitações académicas ou as idades com que os presidentes deixaram Portugal ou integraram a UPEC é tarefa de pesquisa que tentamos. Assim, daqueles emigrantes que vieram a ser presidentes da UPEC e nasceram nos Açores são as seguintes as idades com que emigraram ¹⁰:

¹⁰ Só consideramos, naturalmente, aqueles de que nos foi possível reunir dados. Para alguns dos pioneiros que aportaram clandestinamente aos EUA, muito possivelmente em baleeiros, temos algumas lacunas. São sete os presidentes de que não dispomos de elementos.

Até aos 12 anos emigraram	8 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 13 anos emigraram	3 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 14 anos emigraram	3 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 15 anos emigraram	5 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 17 anos emigraram	9 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 18 anos emigraram	2 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 19 anos emigraram	6 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 20 anos emigraram	4 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 21 anos emigraram	2 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 22 anos emigraram	6 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 23 anos emigraram	1 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 25 anos emigraram	3 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 26 anos emigraram	2 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com 28 anos emigraram	1 indivíduos que vieram a ser presidentes
Com mais de 30 anos emigraram	2 indivíduos que vieram a ser presidentes
Total	57 indivíduos que vieram a ser presidentes

Assim, de 57 emigrantes (futuros presidentes) ao longo de vários anos, 19 tinham menos de 15 anos e 20 tinham entre 15 e 20 anos quando emigraram.

Destes, um que emigrara com 15 anos frequentou o liceu no Faial; um que emigrara com 17 anos fez o liceu na Horta e o seminário em Angra; um que emigrou com 18 anos fez estudos em escolas públicas e particulares; um que emigrou com 20 anos frequentou o liceu de Angra. Era filho de emigrantes que tinham regressado aos Açores. Ele nascera nos EUA e aí regressa com 20 anos.

Estes documentos revelam-nos que do grupo etário menor de 20 anos apenas 4 tiveram estudos que foram para lá da escola elementar, o que representa 7,01%. Para a escola elementar, primária, não temos elementos, mas admitimos que, com exame ou sem ele, todos estes portugueses sabiam ler e escrever. Temos por isso, e nesse aspecto, de os considerar como um grupo de privilegiados à partida. E, pelos cargos que foram desempenhando, admitimos que se foram cultivando e aprendendo com a vida dura que levaram, mas não é muito de admitir que fossem analfabetos à saída de Portugal.

De referir ainda que, dentro dos 57 emigrantes açorianos que estamos a analisar e que emigraram entre meados do século XIX e meados do século XX, um que emigrou com 23 anos e outro com 25 tinham frequentado o seminário e dois que emigraram com mais de 30 anos, um fora presidente da Câmara de Angra e outro frequentara a Escola Industrial na Terceira e seguiu um curso na Escola de Sargentos de Lisboa.

Podemos resumir: de 57 portugueses, 8 dos que vieram a desempenhar cargos da máxima importância e prestígio na comunidade tinham alguma instrução formal. São uma percentagem de 14%. Os restantes, ou seja, quase 86%, não tinham nenhuma preparação escolar, para lá de, eventualmente, não serem analfabetos.

7. Dos presidentes nascidos nos Estados Unidos filhos de açorianos temos de reconhecer que as percentagens se alteram, embora lutemos com a falta de alguns elementos.

Assim, Jesse Henry Woods ¹¹, nascido nos EUA em 1872 e que ocupou o cargo de presidente em 1903, quando tinha 31 anos, foi um dos homens de

¹¹ Woods corresponde ao nome americanizado de Madeira.

negócios mais bem sucedidos na área. Pertencendo ao Partido Republicano, tomou parte na política, foi banqueiro, comerciante e agricultor. Entretanto, não conhecemos quais teriam sido os seus estudos.

José Caetano Avelar, presidente em 1916, com 51 anos, era filho de emigrantes, nascido em Boston. Foi com os pais para os Açores quando tinha 7 anos, mas regressou aos EUA com 19 anos. Não lhe conhecemos estudos.

No entanto, podemos referir os estudos de alguns outros¹², o que nos permite sintetizar:

- 4 presidentes eram formados em Direito (1905, 1926, 1947, 1958);
- 1 presidente era graduado por uma escola normal;
- 1 presidente era graduado por uma escola técnica;
- 1 presidente era engenheiro por uma escola politécnica;
- 3 presidentes tinham uma graduação pela *high school* (ensino médio secundário).

De 12 não se conhecem estudos regulares, apesar de terem nascido nos Estados Unidos.

Assim, ao todo, em 100 anos e em 83 elementos da UPEC que desempenharam o cargo de presidente encontramos:

- 4 formados em Direito;
- 1 engenheiro;
- 1 professor (escola normal);
- 2 graduados por escolas técnicas;
- 6 com frequência do ensino secundário;
- 3 ex-seminaristas;
- 2 tinham desempenhado cargos relativamente importantes em Portugal.

São 18 os sócios que atingiram os postos máximos tendo como habilitações académicas alguma formação superior à escola elementar, numa percentagem de 21,68%. Os restantes 78,31% podem enquadrar-se nos chamados *self-made men*?

VII — Todos estes portugueses ou luso-americanos presidentes da UPEC foram homens de negócios e bem sucedidos, tendo tido, no entanto, uma vida agitada, começando, principalmente os pioneiros, *do nada*, na frase popular. No início da sua vida de trabalho, mais de um foi barbeiro, e sucessivamente podem ter sido mineiros, porteiros, fiéis de armazém, moços de recados, pescadores, jornaleiros. Mas quase todos acabaram ligados à próspera agricultura californiana, embora passando pelas direcções de bancos e de grandes empresas. Alguns foram juizes de paz, ocuparam lugares políticos, apoiando tanto o Partido Republicano como o Partido Democrático. Grande parte tem estado ligada ao negócio dos supermercados e alguns foram pioneiros do jornalismo escrito em português nos EUA e também da rádio falada em português e especialmente dirigida aos portugueses residentes naquela região.

Poucos se naturalizaram americanos, de acordo com a percentagem já referida. Todos foram sepultados em solo americano, até o que morreu nos

¹² Vide Carlos Almeida, *op. cit.*, que apresenta pequenas biografias de todos os presidentes da UPEC até 1978.

Açores, durante uma visita, mas que foi posteriormente trasladado para a Califórnia. Trata-se de Manuel Cabral, natural dos Açores, onde nasceu em 1903 e faleceu em 1966. Tinha emigrado para os Estados Unidos com 8 anos, acompanhando os pais.

Todos estes elementos da UPEC foram personalidades prestigiadas do seu tempo e que, ao longo de gerações, alteraram a imagem da imigração portuguesa na Califórnia, atingindo a meta que toda a emigração se propõe: melhoria de condições de vida. Alguns enriqueceram, uns tantos tornaram-se milionários, quase todos preocupados, como ainda hoje, com a educação dos filhos e com a sua imagem social, sempre prontos a abrir a bolsa em socorro das desgraças e dos cataclismos açorianos, como de festejos religiosos, e até, hoje, subsidiando a Universidade Católica, quando esta tenta uma campanha de fundos.

Sem terem tido, na generalidade, o privilégio de uma educação formal académica — o que talvez lhes tivesse evitado a emigração —, foram homens que contribuíram para a melhoria de condições de vida de um grupo de homens e mulheres que tiveram a coragem de ser emigrantes. Isolados, lutadores, sentiram-se responsáveis por si e pelos outros e perante o país que lhes dera asilo.

O Governo Português reconheceu-o em 1934, quando atribuiu a Ordem de Cristo a Francisco de Lemos, que fora presidente em 1896-97. O homenageado, no entanto, recusou a comenda.

Também o Governo Americano distinguiu vários membros da UPEC e o Papa Pio XII distinguiu Mary Mathias, presidente em 1978, pelos seus anteriores esforços a favor da Igreja em Arteria, Califórnia.

Portugueses ou luso-americanos, imagem e retrato dos imigrantes portugueses na Califórnia, ano a ano um homem prestigiava a colónia portuguesa pela sua actuação cívica, profissional e de solidariedade humana. Respeitando e aderindo a conceitos democráticos duma sociedade diferente daquela que os vira nascer, foi uma revolução da mentalidade que lhes permitiu a projecção que foram dando à organização a que se dedicavam. Um esquema mental tradicional, ligado aos preconceitos de uma sociedade de ordens e de hierarquias socioeconómicas, não lhes teria permitido desempenhar em plenitude os lugares que foram ocupando. Como sempre acontece com os emigrantes portugueses, eles adaptaram-se às estruturas que os rodeavam.

E, se não se revela grave a falta de educação formal, pelo menos aparentemente, isso pode querer dizer que ela não foi fundamental para o sucesso, para a realização de homens, mesmo que ambiciosos e tentando atingir o cimo de um estreito e íngreme caminho. Isso quer dizer que a escola não foi essencial porque a escola, muitas vezes, está desajustada da realidade e vira as costas à sociedade. Mas também quer dizer que numa sociedade de socorros mútuos conta muito o espírito humanitário, a compreensão, o sofrimento conhecido na carne e que esses dotes de inteligência e sensibilidade podem estar presentes em todos os emigrantes.

São ainda esses dotes de inteligência que revelam e afirmam os chefes, os dirigentes, quando se sabem fazer rodear pelas melhores equipas, pelos melhores conselheiros, pelos sábios de sua ciência, técnicos e especialistas.

É assim que na UPEC se encontra, também ao longo de 100 anos, outros grupos de sócios que desempenharam funções de acordo com a sua ilustração, os seus conhecimentos, a sua formação, e aí encontraram o terreno propício ao desenvolvimento das suas capacidades.

VIII — Os portugueses da Califórnia não transplantaram estruturas culturais pesadamente herdadas através de gerações. Recriaram, inventaram a sua cultura. E o trabalho, a luta do emigrante, revelou-se como um valor, e não como uma mercadoria. O trabalho não escravizou, mas, numa outra ambiência, obrigou-o a «reformular a mentalidade e a desenvolver as suas funções do pensamento, iniciativa e responsabilidade»¹³.

Relativamente ao jovem que foi emigrante, o homem maduro luso-americano distanciou-se e ganhou novos horizontes. Não tem medo do preconceito e, olhando 100 anos para trás, não tem receio de vestir os fatos velhos¹⁴ de seus avós para comemorar e relembrar, por um dia, aqueles que iniciaram, pela força das circunstâncias, mas também pela sua capacidade de construir o futuro, uma obra cultural — que não está presa ao passado, que, no fim de contas, rejeitou.

IX — Para aderir a esta sociedade de socorros mútuos era necessário proceder a um exame médico. E aqueles que se revelassem portadores de doenças crónicas, familiares, hereditárias ou em perigo de vida eram rejeitados. Parece que a UPEC negava a sua própria razão de ser, mas era assim que ela se podia proteger e desenvolver. Se os riscos fossem exagerados, se os subsídios a pagar ultrapassassem as receitas que, no início, provinham exclusivamente das quotas (ou donativos) dos sócios, era a ruína. Esta esteve presente por várias vezes, obrigando a limitar e diminuir as regalias dos sócios. Depois de uma tragédia ou de uma catástrofe, ou de um mau ano agrícola, os cofres da União corriam o risco da falência, do mesmo modo que isso aconteceria se se registassem muitas mortes.

Havia a experiência falhada de outras associações, como a Associação Portuguesa de Beneficência, de que fora presidente Francisco Pimentel e que em 1873 se vira reduzida à falência, deixando os portugueses, como escreve Manuel Andrade¹⁵, «voltarem a andar de porta em porta quando algum português morria, pedindo dinheiro para um funeral condigno, como era costume nas ilhas dos Açores».

Para esta situação ainda alertava em 1906, na 20.^a sessão anual do Conselho Supremo da UPEC, o sócio Mitchell (anexo n.º 14 da respectiva acta), na mesma sessão em que se registava e honrava a morte do primeiro presidente da União, António Fonte.

Mitchell revelava as suas preocupações:

De 31 de Julho de 1904 a 31 de Julho de 1905 faleceram 65 membros [...] a sociedade pagou por estes 65 membros a mais do que tinha recebido deles 74 954,70 dólares.

Verifica ainda que, desde a sua fundação, a União tinha sofrido a perda, por morte, de 745 elementos e interroga-se sobre quanto esses falecimentos representavam de desequilíbrio orçamental.

¹³ Vide Vitorino Magalhães Godinho, prefácio de *A História Social, Problemas, Fontes e Métodos, «Coordenadas do Presente ao Passado e ao Porvir»*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1967.

¹⁴ Queremos referir o baile de trajos que fez parte das comemorações do centenário. Ele constituiu todo um cerimonial, muito longe de um vulgar baile de Carnaval.

¹⁵ Vide Carlos Almeida, *op. cit.*, p. 27.

É muito pessimista o seu discurso, cujo anexo, em acta, ocupa 12 páginas (da p. 205 à p. 216), recheadas de estatísticas e onde deixa a previsão do descalabro. Diz:

A nossa sociedade, como são todas as sociedades do seu género, é uma sociedade puramente comercial e as leis que a regulam são as mesmas que regulam todas as instituições comerciais, seja qual for o género ou mercadoria de seu tráfico, e resumem-se em percas e ganhos.

Acrescenta:

Sob a nossa guarda estão os interesses de cerca de seis mil e quatrocentos membros da UPEC e de outros tantos múltiplos de membros de suas famílias! [...] Donde brotarão essas veias auríferas para se extrair ouro para pagarmos aos membros por morte de suas mulheres e pagarmos a nossas mulheres e a nossos filhos quando formos chamados desta para melhor vida?.

Perante esta preocupação, que parece pertinente, dada a falência de outras sociedades, não apresenta, no entanto, alternativa ou solução. Parece, porém, que essas soluções foram sucessivamente encontradas.

Na mesma sessão, em 1906, o orçamento aprovado para o exercício de 1906-07 era da ordem de mais de 9000 dólares e o saldo aprovado do exercício findo era como segue:

Saldo de todos os saldos

Cofre de reserva	\$ 198:848.32
Cofre especial	\$ 41:748.93
Cofre geral.....	\$ 3:023.63
	\$ 243:620.88

Neste Conselho Supremo da União Portuguesa do Estado de Califórnia, na sua 20.^a sessão anual, o presidente dizia no seu discurso:

Há um ano que fui eleito presidente supremo desta grande e gloriosa sociedade e, em conformidade com a lei, apresento-lhes este relatório dos meus actos oficiais durante o meu exercício de 14 de Outubro de 1905 até hoje, 8 de Outubro de 1906 [...] Uma grande sociedade, com perto de 7000 membros [...] A União Portuguesa do Estado de Califórnia tem sido e hoje é um dos meios de educar e elevar a nossa colónia de portugueses e seus descendentes. A colónia, em geral, é hoje reconhecida e respeitada pelos mais cidadãos da Califórnia, dos quais nós fazemos parte, pelo motivo de haver a UPEC em existência. [Acta, pp. 39 e 40.]

As palavras simbólicas da UPEC são, e lembra-o o presidente, UNIÃO, CARIDADE, PROTECÇÃO.

Era uma sociedade com responsabilidades, e por isso a responsabilidade do exame médico prévio para nela ingressar. O cargo de médico-supremo dava direito a apresentação de relatório nas sessões anuais, como se verifica

nas respectivas actas, a partir de 1896. Esses relatórios são em parte um discurso encomiástico, mas onde há lugar para a apresentação de alguns dados respeitantes a saúde, de enorme interesse científico-médico e histórico.

Assim nos aparecem as primeiras preocupações de estatísticas sobre saúde, referentes às mortes verificadas entre 1895 e 1896. Limitamo-nos a transcrever as sínteses estatísticas apresentadas ¹⁶.

Média da idade dos membros falecidos entre 1894 e 1895

À data da admissão	44 anos
À data da morte	50 anos
Média de tempo de associados	5 anos

Mínima idade dos falecidos:

À data da admissão	32 anos
À data da morte	37 anos

Máxima idade dos falecidos:

À data da admissão	54 anos
À data da morte	68 anos
Mínimo tempo de associado	1 ano
Média da idade dos membros admitidos	35 anos

Podemos ainda relacionar as causas das mortes dos sócios (e consortes) da UPEC, conseguindo efectuar um mapa para os primeiros dez anos, em que elas são apresentadas nos relatórios anuais. Pelas nossas contas, cujos números retiramos dos relatórios apresentados às sessões anuais, morreram nestes dez anos 731 membros da UPEC, entre homens e suas consortes. A doença que fazia maior número de vítimas era a tuberculose, a tísica e as doenças pulmonares. Seguiu-se um conjunto de outras doenças muito variadas, esporádicas e que reunimos no grupo designado por «Outras». As doenças cardiovasculares têm, no entanto, o segundo lugar. Os acidentes vitimam nitidamente maior número de homens do que de mulheres. Aliás, só a loucura, ou doenças semelhantes, excedem o motivo de mortes na relação entre homem e mulher, para lá, naturalmente, das doenças femininas: parto e uterinas. Seria interessante que uma equipa de cientistas médicos pudesse procurar a causa remota destas mortes ¹⁷. No entanto, os suicídios verificam-se em muito menor escala nas mulheres, mas não deixa de ser interessante que esta causa de morte seja abertamente referida e fique registada nas actas, mencionando o nome da vítima.

Sabemos que cada sócio pagava uma quota relativamente insignificante para os subsídios que a família receberia por sua morte. E, embora não esteja no nosso horizonte fazer a análise económico-financeira da sociedade, este

¹⁶ Estas estatísticas são subscritas por Mário Bettencourt da Câmara, com a data de 7 de Fevereiro de 1896. Adiante falaremos deste ilustre membro da UPEC, que ocupa, entre outros, o cargo de adjunto do secretário-geral.

¹⁷ Não é a primeira vez que verificamos a existência da loucura, nostalgia e doenças mentais nas mulheres emigrantes. Sabemos de alguns casos, dramáticos, que ocorreram nos últimos anos na emigração europeia. Não cabe, nos nossos conhecimentos, qualquer atitude mais que a constatação do facto. Uma investigação interessante que a problemática da emigração propõe.

Idade	Acidentes		Pulmonares, tuberculose, tísica		Apoplexia		Asma		Cancro		Uterinas	Estômago, intestinais		Cardio-vasculares		Outras		Fígado, hepatites		Cerebrais, loucura		Parto	Suicídio, assassinio		Total
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	M	H	M	
13	1		2	2			1		1			2				2		1		1					19
14	3		6	2								1		3	1		2	1					1		22
15	2		10		1				3			1		6		2		3							30
16	2	3	9	6	1		2			3	1		1	1	3	5	3		1						38
17	1	1	9	10			1		2	2	1			5	5	2	2	1				1	2		47
18	2	2	8	11	1		1		1	2	1	1	3	5	6	9	5	3					1	1	64
19	2	5	13	6	1				3	3	1	1	3	2	2	5	6	1		3		2			62
20	1	8	16	13		1	3	1	4	1	9	2	1	3	3	13	5	1	1	1			1		88
21	3	4	20	5	1		2		4	2	1	3	5	7	2	10	9	1	3	1		2	2	1	89
22	3	3	19	8	2				3	2	2	5	2	7	3	20	16	1				2	1		102
23	2	2	17	9					2	2	2	9	3	5	3	14	3	2	3	1			4		86
24	1	1	15	8		1	1	1	3	2	2	3	1	5	6	12	10	3	1	2		1	1	1	84
Tot.	35	6	138	81	7	2	11	2	26	19	19	28	19	49	34	94	61	17	12	4	6	10	14	3	731
Med.	41		219		9		13		45		19	47		83		155		29		10		10		17	731

Nota — Mapa elaborado com elementos recolhidos das actas anuais. O agrupamento das doenças em grandes áreas é da nossa responsabilidade.

aspecto é factor da sua própria existência, prosperidade e prestígio. Assim, o papel desempenhado pelo médico-supremo reveste-se de grande importância. Verifica-se nos relatórios apresentados em todas as sessões anuais a preocupação de honestidade perante o juramento de sócio da UPEC e a defesa dos seus legítimos interesses, de forma a não perigar «a estabilidade da nossa sociedade», como diz o Dr. José Leal de Azevedo, que considera, em 1907:

Foi assim que não pude deixar de reprovar 24 formulários [...] Examinei 1484 formulários e conscienciosamente afirmo que todos os candidatos, à excepção de 24 que reprovei, estavam nas melhores condições físicas de poderem afiliar-se na sociedade sem perigo de virem prejudicar materialmente quaisquer interesses ¹⁸.

X — Quem foram os médicos-supremos da UPEC?

1. O primeiro médico da UPEC, de nacionalidade irlandesa, nasceu em 1858 e fez-se sócio da União em 1887, sendo médico-supremo em 1890, 1893 e 1896. Andrew Joseph Dean faleceu em 1904, com 46 anos. Sua mulher, falecida em 1893, foi sepultada no cemitério maçónico de São Francisco.

2. José de Sousa Bettencourt, nascido em 1851, nos Açores, emigrou em 1866, com 15 anos, aportando a Boston. Tinha frequentado o liceu e um colégio inglês, onde aprendera línguas. Os pais destinavam-no à vida eclesiástica. Emigrou, certamente clandestino, em algum baleeiro, ficando na costa leste durante nove anos e empregando-se em várias fábricas, ao mesmo tempo que durante dois anos frequentou a Universidade de Havard, onde estudou Medicina. Mas foi na Califórnia, para onde seguiu em 1877, que concluiu o curso. Em 1885 estudava Leis, mas, depois de obter a respectiva graduação, preferiu, profissionalmente, o curso de Medicina. Membro da UPEC desde 1891, estava em São Francisco aquando do terramoto de 1906. Dias depois era nomeado cônsul de Portugal. Em 1907 era agraciado com a Ordem de Cristo. Também o Governo e as autoridades americanas lhe reconheceram os méritos, esforço, interesse e trabalho a favor da colónia portuguesa e do progresso da ciência, já que era sócio de várias sociedades científicas.

3. O Dr. João Sérgio Álvares Cabral, nascido nos Açores, era sócio da UPEC a partir de 1896 e médico-supremo desde essa data até 1901. Morreu em 1909. Formou-se na Califórnia em 1895, pela Universidade de São Francisco, e dedicou-se à profissão, desempenhando vários cargos que lhe eram inerentes. Foi ainda vice-cônsul de Portugal em São Luís, Obispo, em 1893. Foi poeta e colaborador de jornais.

4. O Dr. José Leal de Azevedo, natural dos Açores, onde nasceu em 1874, fez todos os estudos nos Estados Unidos, já que foi para ali muito novo, com os pais. Aderiu à União em 1901 e ocupou o lugar de médico-supremo desde essa data até à sua morte, em 1936. Esteve ligado a problemas de saúde pública e desempenhou vários cargos.

5. O Dr. Carlos Fernandes foi médico-supremo entre 1939 e 1952. Nasceu na Madeira em 1893 e aderiu à UPEC em 1924, logo assim que chegou aos EUA. Fez os seus estudos em Portugal e em França, onde frequentou a

Sorbonne. Estudou Direito em Lisboa, mas acabou formando-se em Medicina, em Lisboa, em 1921. Em 1924 encontramo-lo nomeado cônsul de Portugal em Oakland. Foi professor na Universidade de Stanford, Califórnia, director de Hospital e cirurgião-chefe do Morton's Hospital. Interessado por variadíssimos problemas, já tinha editado em Portugal a revista *Economista Português* e na América encarregou-se da publicação do *Compend of Medicine and Surgery*. Foi cônsul do Brasil em São Francisco e agraciado com a Ordem do Cruzeiro do Sul e com a Ordem de Cristo. Nunca se naturalizou cidadão americano.

7. Desde 1952 tem sido médico-supremo o Dr. Luís Júlio Madeira, natural da Reigada, aldeia portuguesa do distrito da Guarda, onde nasceu em 1916. Licenciado pela Universidade de Coimbra, em 1942, fixou-se nos Estados Unidos em 1948, depois de ter sido médico da frota pesqueira no navio *Gil Eanes*. Tem trabalhado em vários hospitais nos EUA.

É o prestígio profissional e científico destes médicos, emigrantes também eles, uns com uma vida académica desenvolvida dentro de moldes tradicionais, outros trabalhando e estudando, numa ânsia de abranger novos horizontes, mantendo um grande espírito de solidariedade, de disponibilidade para com os outros, que faz encontrar vários níveis culturais, científicos e económicos dentro dos quadros da UPEC.

XI — Os secretários-supremos, ou secretários-gerais, são os elementos que dão estabilidade à organização. Eleitos, mantêm-se no cargo longos anos, como o órgão executivo das deliberações do conselho dos directores e do congresso anual. É um cargo de grande responsabilidade, ocupado a tempo inteiro e usufruindo, como tal, ordenado compatível.

Hoje, este lugar é ocupado por Carlos Almeida, um dinamizador entusiástico do desenvolvimento cultural da União. É ao seu esforço, trabalho, boas relações humanas, simpatia e inteligência, aliados a um conhecimento profundo dos problemas migratórios, que se deve desde há uns anos o incremento cultural da UPEC. Fundador da Biblioteca J. A. Freitas, no Centro Cultural de São Leandro, transformou-a na sala de boas-vindas aos portugueses que se encontram na Califórnia, cruzando os caminhos da emigração, da política ou culturais e de investigação histórica. É esta a melhor biblioteca sobre os Portugueses na Califórnia. E é o museu vivo da história da UPEC.

Apoiado pelo conselho dos directores, foi possível a Carlos Almeida levar a cabo algumas iniciativas que são marcos na história de Portugal, porque fizeram deter a atenção dos Californianos nesse punhado de portugueses que ao longo de várias gerações encontraram os seus próprios caminhos, sabendo aproveitar e tirar o melhor partido das virtualidades, das estruturas e da mentalidade de uma sociedade que lhes abria as portas de um país novo, a construir, e onde todos podem ser iguais, num certo sentido de liberalismo, de democracia e de socialismo.

Se o conceito de cultura não pode ser estático, também o não pode ser o de emigrante. A evolução é uma realidade que se verifica, irremediavelmente, através da história da UPEC.

Os secretários-gerais da União têm sido homens do seu tempo, talvez um pouco homens do futuro, quando lançam caboucos de novas iniciativas que ao longo dos tempos acabam por ser o quotidiano, deixando de ser novidades, na intenção de que novas ideias surjam e se afirmem.

Ao sentido de equilíbrio, de senso comum, de competência, com que Carlos Almeida gere os negócios da UPEC, apoiado por consultores finan-

ceiros, junta o entusiasmo de ver obra realizada e penso que pode juntar a vaidade de ver essa obra reconhecida e admirada.

Natural dos Açores, onde trabalhou no Departamento da Emigração, ele própria emigrante, primeiro para o Canadá e depois para a Califórnia, casado com uma açoriana, companheira de trabalho e de entusiasmo no sonho da UPEC, tem sido o impulsionador de uma alteração de mentalidade dentro da sociedade. A União é uma sociedade de socorros mútuos (diríamos uma empresa ou companhia de seguros com características especiais), mas hoje especialmente vocacionada para aspectos culturais. Os portugueses da Califórnia já não são mais pobres! As suas necessidades são outras; os seus anseios diferentes. A UPEC, porque é uma organização viva, corresponde naturalmente a esse evoluir das próprias características da emigração californiana, tendo desenvolvido no mais puro sentido progressista o espírito maçónico do iluminismo, de fraternidade e de união dos pioneiros de meados do século XIX.

A admiração e o respeito que envolvem a lembrança dos primeiros presidentes é estímulo para novas e diferentes iniciativas, para lutar pela realização de velhos sonhos, elos de uma cadeia a aumentar e que não prende, nem sufoca, nem obriga.

A vida interna democrática que a UPEC tem vivido permitiu-lhe acompanhar as ansiedades diferentes das gerações que sucederam aos pioneiros e que a levaram a encontrar as respostas ajustadas ao seu tempo.

XII — Ao lado do secretário-geral houve, pelo menos em um caso, o lugar de adjunto, que entre 1910 e 1936 foi desempenhado por uma personalidade muito interessante. Trata-se de Mário Bettencourt da Câmara, adjunto do secretário-geral Manuel Fraga, que desempenhou estas funções de 1914 a 1943 e tinha sido presidente em 1904.

Mário Bettencourt da Câmara é o nome adoptado por Lúcio da Silva Gonçalves, o primeiro exilado político que encontramos na Califórnia nos quadros da UPEC.

Nascido em Peniche, em 1864, chegou aos Estados Unidos em 1892, depois de ter passado pela França, Itália, Brasil e Panamá.

Republicano, conspirador contra a Monarquia, participou no movimento de 1889 no Porto. Era então oficial do Exército. Fracassada a revolução, conhece os caminhos do exílio — uma outra constante da vida portuguesa.

Mário Bettencourt da Câmara, depois de sair de Portugal, estudou em França, foi músico e cantor de ópera em Itália e no Brasil. Depois foi empregado da empresa que construiu o Canal do Panamá¹⁹. Ao chegar à Califórnia, aderiu à UPEC em 1894, onde desempenhou vários cargos. Fundou o *Boletim da UPEC* (1898), desenhou o emblema da União (1900), que foi adoptado, e criou a banda (1905), que dirigiu até à morte. Embrenhou-se no jornalismo, defendendo as suas ideias republicanas e opondo-se ao grupo do P.^o Glória e do *O Amigo dos Católicos*; principalmente através do seu periódico *A Crónica*, quinzenal, depois mensal, editado em 1895. O seu trabalho de repórter tinha-se iniciado na *União Portuguesa*.

Ao mesmo tempo que divulgava as suas ideias republicanas, criticando o Governo de Lisboa e revelando-se muito hostil à casa reinante, pretendia

¹⁹ Durante o tempo em que esteve em França, em 1892, chegou a conhecer o canal de Suez, tendo aberto este importante canal. Depois de ter estado em França, chegou ao Brasil e depois à Califórnia. Durante os seus trabalhos em França, em Itália, no Brasil e na Califórnia, foram os portugueses que conseguiram vencer a obra.

que os seus artigos dedicados expressamente aos Californianos ajudassem ao bom nome dos portugueses imigrantes e pretendia chamar a atenção das autoridades para as injustiças e perseguições de que muitos eram vítimas nesses tempos difíceis.

O noticiário dos jornais portugueses da época editados na Califórnia permite-nos dar conta das tremendas dificuldades que os emigrantes enfrentavam. Alguns anúncios são também esclarecedores: pedem-se notícias de familiares desaparecidos ou que deixaram de dar sinal de vida. Anuncia-se o horário de médicos portugueses ou que podem atender os portugueses ao domingo. Anunciam-se agências de viagens e hotéis dirigidos por portugueses, onde se fala português. Anunciam-se armazéns e, poucas vezes, postos de trabalho. Anunciam-se escritórios que tratam de documentos e escritórios de confiança que escrevem cartas aos que não sabem escrever.

Quando Mário Bettencourt da Câmara entra no jornalismo, já dois grupos estão definidos: o que segue a *União Portuguesa*, periódico fundado em 1887 e que irá até 1942, e o grupo que, passando de *O Amigo dos Católicos* (1888) ao *Arauto* e ao *Jornal de Notícias*, se fixou no *Jornal Português*, desde 1932. A *Crónica*, de Mário Bettencourt da Câmara, ataca abertamente *O Amigo dos Católicos* e tem vida curta. Anos volvidos, em Agosto de 1926, Bettencourt da Câmara volta a editor, proprietário e director de um jornal, *Crónica Portuguesa*, de que saem apenas dois números. Entretanto colaborava na *União Portuguesa*.

Hoje, o *Jornal Português* é o decano da imprensa periódica portuguesa na Califórnia, tendo, no entanto, desde 1979, não um rival, mas um concorrente, *The Portuguese Tribune*.

XIII — Os jornais que se editam na Califórnia entre o fim do século XIX e os primeiros 50 anos do século XX mantêm uma rivalidade que alimenta a polémica entre duas tendências jornalísticas: uma católico-tradicional, contra uma republicana, contestatária, progressista, que toma posições radicais desde os primeiros números. Continuam a discutir-se, nesses jornais, as questões portuguesas.

É uma longa tradição da imprensa periódica escrita em português no estrangeiro dedicar-se aos assuntos portugueses. Iniciada em Londres, por 1808, estende-se pelo século, acompanhando todas as emigrações políticas até meados de Oitocentos. Nessa imprensa, introduzida clandestinamente em Portugal, se definiram as primeiras linhas do liberalismo português e aí se fez a pedagogia da revolução²⁰.

Não é semelhante, pela falta de fundamentação teórica, a imprensa que Bettencourt da Câmara pode influenciar. Apenas é semelhante por continuar a tratar, a distância, da quezília política que era a vida portuguesa. Mas entre a imprensa escrita em português em Inglaterra e a que vai ser escrita nos Estados Unidos existe toda uma diferença baseada na diferença de níveis culturais, tanto dos jornalistas como dos leitores. Os jornais de Londres foram escritos por exilados políticos, literatos, bacharéis, metidos e interessados na coisa política. Tinham lido os enciclopedistas e alguns os teriam como os seus heróis. Depois, a imprensa periódica escrita em Londres antes de 1820 destinava-se a ser lida em Lisboa ou no Rio de Janeiro, embora muitos dos seus apoios estivessem em Inglaterra.

²⁰ O estudo dos jornais de Londres faz parte de um trabalho que vimos elaborando.

A imprensa periódica escrita em português que vai nascer na Califórnia destina-se à colônia de emigrantes. Deve tentar responder às suas necessidades: anunciar o que lhe for de interesse e dar notícias do mundo do trabalho que se lhes impunham. Numa ligação com a *terrinha*, deve ainda manter correspondentes que lhe enviam um noticiário serôdio, mas lido com ansiedade. A quezília, a discussão política, a crítica à vida de Lisboa ficam reservadas aos jornalistas que reciprocamente se lêem. Que importância tem esta imprensa?

Penso que o editorial ou artigo de fundo, escrito num dia, esquecido no outro, nunca seria motivo de discussão sequer entre grupos. Hoje, as coleções destes jornais são raríssimas, por norma incompletas. A UPEC tem conseguido vir a recolher o que lhe vai aparecendo. De referir que a coleção que possui está toda microfilmada, numa preocupação de preservar esta manifestação cultural dos pioneiros de São Francisco.

Mário Bettencourt da Câmara procurou iniciar uma outra perspectiva na imprensa portuguesa. Interessava-lhe a discussão de ideias. Mas não tinha interlocutores à sua altura. Níveis culturais os separavam. Ele saíra de Portugal de acordo com uma opção política. A enorme maioria dos outros emigrantes foram por uma questão de subsistência. Uns tentavam matar uma fome ancestral; Bettencourt tentava matar uma fome de liberdade. Alguns emigrantes estavam em condições de o entender, de o respeitar e de lhe proporcionar condições para desenvolver as suas faculdades, mas não no campo da política. Por isso os jornais que dirigiu foram de curta duração. Participava e colaborava em outros.

Os jornais editados na Califórnia antes do fim do século reflectem os problemas que os emigrantes levavam na sua bagagem cultural. Para um grupo podia existir a polémica, mas considerada como questão estéril, resíduo do rancor ou da frustração. Outro grupo revelava um desinteresse, talvez só aparente, pela política, totalmente virado para um jornalismo triunfante no campo económico-empresarial, que é o que se mantém.

Por isso a imprensa portuguesa publicada nos EUA, no aspecto jornalístico, não tem características de profissionalismo, mas antes de diletância e militância ideológico-político-religiosa, mesmo que seja um ofício desempenhado a tempo inteiro.

A Crónica e a *Crónica Portuguesa* (trinta anos depois) tentaram marcar o início de uma imprensa diferente, como que levando os portugueses emigrantes a continuar a participar na vida pública portuguesa, como se ainda pertencessem a essa sociedade. Parece que Bettencourt teve dificuldades em cortar com o laço umbilical. Ele, que mudou de nome, que era instruído, que nunca deve ter sido pobre, que talvez se sentisse superior, pela cultura, a alguns dos seus companheiros de emigração, parece que pretendia manter viva a chama da Pátria. Este seu ideal está na mais pura tradição republicana, mas não lhe permite alcançar toda a problemática da emigração.

Dentro da UPEC foi apoiado em todas as suas iniciativas. Como jornalista de opinião, ele falava de assuntos que estavam demasiado distantes para os potenciais leitores. Ele dirige-se «aos portugueses que residem neste país» e dá-lhes conta do que se passa em Portugal:

É de dia para dia mais repugnante o procedimento dos governos do rei D. Carlos [...] os governos de Portugal, esses homens que deviam representar a grande nação [...] esses homens são os vendilhões da pátria [...]

Em 1926 escreve:

Vimos prosseguir no nosso antigo mister de jornalista, por mais de uma vez interrompido [...] desta vez vimos sem peias e sem censores: sem patrões e livre da pressão humilhante da imposição do anúncio e da assinatura. Desta vez vimos empunhando a nossa pena, mas livre [...] a mesma pena que jamais se curvou nem curvará, se torceu ou torcerá em mais de quarenta anos de luta na arena jornalística, sempre pugnando pela Razão, pela Justiça e pela Liberdade.

Pode ser semelhante o que certa imprensa escreve em Lisboa, por esses tempos. É uma literatura pseudo-revolucionária, espalhafatosa, talvez corajosa, mas que não apresenta nem soluções, nem alternativas e, muitas vezes, nem crítica faz.

Bettencourt como que transplanta esta problemática para a Califórnia. E nesse campo é mal sucedido, porque o ambiente não lhe é favorável e são diferentes as estruturas que o rodeiam. Ele, dentro da colónia de emigrantes, poderá ter sido o estrangeirado, descontente com ele e com a vida e que, quando se vê quase completamente cego, se suicida.

XIV — De todas as formas, dois grupos, como já dissemos, mantêm-se rivais, marcando posições diferentes, manifestando opiniões divergentes que se combatem, mas se respeitam e convergem para a UPEC.

É assim que entre os sócios da União, a partir de 1888, se encontra o P.^o Guilherme Silveira da Glória, missionário, jornalista e poeta. Morreu em 1943. Compôs o hino da União.

Como parlamento de uma colónia de emigrantes, a UPEC defende os seus interesses na unidade de interesses.

Estatutos, Constituição, Cerimonial, são os documentos e as leis fundamentais que regeram portugueses de boa vontade, desprotegidos pelas leis dos estados, e que da miséria se guindaram à mais alta consideração dos seus concidadãos americanos, apoiando-se no espírito de solidariedade e de ajuda mútua, que não tem sido uma constante da cultura portuguesa. Em Portugal, ao longo de mais de um século, desenvolveu-se um individualismo alimentado por circunstancialismos políticos. A conjuntura cultural forçada por uma ditadura é, naturalmente, a do isolamento. O isolamento foi, em Portugal, uma arma contra a Inquisição, contra a censura, contra as ditaduras políticas e militares. As poucas aberturas que se verificaram, demarcadas pela existência de liberdade de imprensa, não chegaram para impor novos modelos culturais. Que restou das mutuais, das sociedades, das filarmónicas, dos pequenos clubes de vila, depois da ditadura salazarista? Resistiram os bombeiros e estes com enormes dificuldades e carências.

Foi, afinal, longe da Pátria que os Portugueses desenvolveram as mais humanas virtualidades portuguesas. Como foi também ao longo de séculos que os portugueses emigrados desenvolveram o seu espírito crítico, científico e de amor pela Pátria, detectável em todo o estrangeirado.

Americanizados são os portugueses residentes na América, porque se integram no ambiente que os rodeia e ignoram o que lhes ficou longe. Sementes da mesma árvore que se desenvolveram em terrenos diferentes.

A literatura portuguesa e a cultura popular encontraram já há muito a imagem de um outro emigrante — a do Brasileiro. Naturalizado ou não, ele se define a si próprio «tão português como os melhores». Fácil é ouvir esta

expressão aos californianos portugueses, mesmo quando os seus interesses, os seus gostos, as suas distrações, o seu trabalho, as suas aspirações, nada têm a ver com o que deixaram em Portugal. E, se vêm de férias, ao fim de pouco tempo sentem que a sua casa já não é aqui. Há os que pensam voltar. E decerto voltarão, mas em que percentagem e em que condições?

Os Luso-Americanos da segunda ou terceira geração pretendem conhecer e afirmar, como todo o emigrante, as raízes culturais do seu pequeno grupo familiar. É talvez o complexo de um povo novo que, como novo-rico da cultura, constrói catedrais góticas em cimento armado. A Europa, «o gosto europeu» ou as tradições europeias representam para o Americano um nível cultural invejável — a que apenas pensa poder opor um alto nível tecnológico. Os Luso-Americanos admitem que esse nível europeu existe em Portugal — pelo menos num grupo socioeconómico que lhes era inalcançável antes da emigração.

À partida, no momento do gesto corajoso que é a emigração, os milhares de portugueses que procuram noutras terras a subsistência e a melhoria de condições de vida, os portugueses que saem, são idênticos aos portugueses que ficam, estes potencialmente emigrantes. O ambiente que os rodeia formou-lhes o corpo e o espírito e transmitiu-lhes uma cultura ao nível do grupo socioeconómico de que provêm. Os que ficaram vão preservar essa cultura, mantendo-a ancilosada, degenerada algumas vezes em folclore. Os que saem desenvolvem-na, tornam-na viva, enriquecem-na. E, quando já não sabem falar português, preocupam-se com o reconhecimento de Cabrilho como o descobridor da Califórnia, tentam provar que os irmãos Corte Real foram os primeiros a chegar à Nova Inglaterra²¹, inauguram o Monumento ao Emigrante ou revêm-se nos festejos do centenário da UPEC, que decorram na primeira semana de Agosto de 1980.

ANEXOS

1.

ROSTO DO FOLHETO SOBRE O CERIMONIAL DOS CONSELHOS

«Cerimonial dos Conselhos Subordinados da UPEC, reformados por J. C. Mattos, em 1911, San Leandro, Califórnia. Este livro, que é propriedade do Conselho Supremo, deve ser guardado em lugar seguro, devendo o presidente e secretário do conselho, que o possuir, não permitir que o levem da sala das sessões, nem que ele seja lido por pessoas que não pertençam à UPEC».

2.

DISTRIBUIÇÃO DOS LUGARES NA SALA DO CONSELHO (de uma planta da sala)

O Presidente toma lugar ao centro, ao fundo da sala, rodeado a certa distância, pelo Secretário e pelo Tesoureiro. Um pouco à frente, em baixo, o Mestre de Cerimónias e o Marechal. Na bancada a seguir tomam lugar o último Presidente e o Decano Presidente do Conselho. À porta fica o Guarda Interno e o Vice-Presidente. Numa antecâmara fica o Guarda Externo.

Cada um sabe o seu papel, todos os anos religiosamente cumprido.

A 1.ª parte dos trabalhos, num diálogo entre Presidente e participantes, dá início à sessão, recordando-se a missão da UPEC:

«— *Presidente*: Senhores consócios, quais são as palavras simbólicas da UPEC?
Todos os sócios respondem em coro e em voz alta: União, Caridade, Protecção?»

O Presidente concluiu:

«Portanto, em nome de tais sublimes palavras, declaro esta sessão aberta para tratarmos de quaisquer negócios pertencentes a este Conselho ou à União em geral; advertindo, porém, que durante ela não será permitido discutir religião, política ou quaisquer outras questões impróprias».

O texto do Cerimonial regista as palavras que devem ser proferidas no encerramento. O livro descreve pormenorizadamente todos os trâmites da Iniciação e da Instalação e bem a «Fórmula de Instituir Conselhos Subordinados», e da «Cerimónia Fúnebre», registando o Hino da Sociedade, da autoria do já referido Padre Glória. Na última folha estabelece-se o esquema da ordem de trabalhos. Transcrevemos a parte que refere a INICIAÇÃO.

INICIAÇÃO

Quando se iniciar mais de um candidato ao mesmo tempo, os officiaes iniciadores devem usar as palavras no plural, nos logares competentes. Durante as iniciações, todas as vezes que o Mestre de Cerimonias e o Candidato párem perante o Presidente ou Vice-Presidente, o Mestre de Cerimonias deve conservar-se a uma pequena distancia detrás.

Presidente. — Senhor Guarda Interno, tenha a bondade de perguntar ao senhor Guarda Externo se na ante-câmara está algum candidato para ser iniciado.

O guarda interno sae e, depois de se informar do guarda externo, volta ao seu logar e diz:

Guarda Interno. — Digno Presidente, o candidato... está á espera para ser iniciado.

Presidente. — Senhor Secretario, tenha a bondade de sair e lêr o convenio ao candidato, que o deve assignar, se se conformar com o seu contheudo.

O secretario dirige-se ao centro da sala, dá o signal de saudação e, depois de ser correspondido pelo presidente, retira-se. Depois de ter lido o convenio ao candidato e de este o ter assignado, volta, dirige-se ao centro da sala, dá o signal de saudação, informa o Presidente do occorrido e vae sentar-se; e, se o candidato não quiz assignar o convenio, o presidente informa o guarda interno para participar ao guarda externo que abra a porta de fóra para o candidato se retirar. Se o convenio foi assignado o presidente diz:

Presidente. — Senhores consocios, está na ante-câmara para ser iniciado o candidato...; ha alguma razão ou motivo justificado para que elle não seja iniciado? Havendo algum consocio que queira fazer alguma explicação, o Presidente dar-lhe-ha a palavra e se o Conselho ficar satisfeito que o candidato e sua esposa estão de perfeita saude e que não ha cousa alguma, d'esde a eleição d'este, concernente ao seu character que provoque reconsideração do voto necessario, o

Presidente diz: Senhor Mestre de Cerimonias, tenha a bondade de sahir á ante-camara e apresentar o candidato. O Mestre de Cerimonias dirige-se ao centro da sala, faz o signal de saudação, e, depois de ser correspondido, sae e acompanhado do candidato dá o alarme. Havendo mais de dois candidatos, o Mestre de Cerimonias deve ter na sua companhia numero sufficiente de socios para acompanhar os candidatos ao entrar na sala.

Guarda Interno. — Senhor Vice-Presidente, estão batendo á porta.

Vice-Presidente. — Veja quem é.

Guarda Interno. — Quem está lá?

Mestre de Cerimonias. — O Mestre de Cerimonias e o Candidato para ser iniciado.

Vice-Presidente. — Admitta-os***.

O Guarda Interno abre a porta, e, sendo possivel, toca-se órgão ou piano. O Mestre de Cerimonias entra á esquerda do Candidato e, conduzindo-o á roda da sala (no entretanto os membros cantam a 3.ª e 4.ª estancias do hymno) pára no centro da mesma, e, voltado para o Presidente, diz:

Mestre de Cerimonias. — Digno Presidente, tenho a honra de lhe apresentar o candidato... para ser iniciado.

Presidente. — Seja bem vindo, meu amigo! É com grande satisfação que o recebo na sociedade União Portugueza do Estado da Califórnia, sociedade organizada e até aqui mantida pelos filhos da Lusa Patria e seus descendentes para perpetuar as tradições patrias e, ao mesmo tempo, mostrar que, ainda que respeitamos a historia dos nossos antepassados, tambem somos fieis cidadãos d'esta nossa patria adoptiva. A nossa sociedade reconhece como principio fundamental que é um dever ser util a nós mesmos e ao nosso proximo em geral, e, no seu desempenho, devemos assegurar — PROTECÇÃO — para os que nos são mais caros e chegados.

A missão e fins da União Portugueza do Estado da California são:

1.º — Dar igual protecção a todos os seus membros.

2.º — Esforçar-se por melhorar a condição intellectual, moral e social dos seus membros, inspirando-lhes a devida apreciação das responsabilidades e triste realidade da vida.

3.º — Crear um cofre para beneficio dos legatarios dos membros fallecidos, segundo elles em vida e de harmonia com as leis determinarem, e pôl-os assim em estado de proteger as suas familias contra os brados da necessidade.

4.º — Adoptar os segredos e meios de conhecimento que se julgar conveniente para a protecção dos seus membros onde quer que ella existir.

Concorda com tudo isto?

Se o candidato responder affirmativamente o Presidente continuará: se negativamente será immediatamente acompanhado para fóra da sala.

Presidente. — Visto isso o senhor Mestre de Cerimonias acompanhará o candidato á presença do Senhor Vice-Presidente para tomar a obrigação.

O Mestre de Cerimonias, acompanhado pelo candidato, volta em roda da sala e vae parar defronte do Vice-Presidente e no entretanto toque-se musica, sendo possivel.

Mestre de Cerimonias. — Senhor Vice-Presidente, por ordem do digno Presidente apresento-vos este candidato para tomar a obrigação.

Vice-Presidente. — Meu amigo, acha-se perante os membros d'este Conselho para ser admittido a participar dos privilegios da U. P. E. C., gosar das suas honras e tomar parte nos seus trabalhos. Ha pouco ouviu quaes eram os fins e missão da mesma e foi-lhe explicado qual era o seu principio fundamental. Quer de boa vontade tomar uma obrigação, cuja mira é fazer-o ajudar a promover os interesses e fins da nossa sociedade, que em nada se oppõe ás suas crenças religiosas ou politicas?

Se o candidato responder affirmativamente, o Vice-Presidente continua:

Tenha a bondade de collocar a mão direita sobre o lado esquerdo, pronunciar o seu nome e repetir o que eu fôr dizendo:***

OBRIGAÇÃO

Eu..., perante os socios aqui presentes, por minha livre vontade, prometto guardar os segredos da U. P. E. C. e não descobrir nenhuma das suas transacções particulares. Prometto prestar homenagem ao Conselho Supremo da mesma, obedecer á sua constituição e leis, e igualmente á constituição e estatutos do Conselho Subordinado a que pertencer. Declaro que nunca fui regeitado ou expulso de qualquer Conselho da U. P. E. C., e que estou de saude perfeita. Prometto nunca recomendar para membro d'esta sociedade individuo algum que não tenha todas as qualificações requeridas pelas leis da mesma. Prometto ser fiel e verdadeiro em todos os contractos com os meus consocios, conservar inviolavel a sua honra, o seu bom nome e o de suas familias, e ajudal-os nas adversidades. Declaro que todas as respostas por mim dadas ao Medico Examinador são verdadeiras e que, se algum dia se provar que fui falso n'essas respostas, considero sem effeito, como de facto ficará sem effeito, o certificado de membro que me fôr expedido e não serei intitulado a beneficio algum d'esta sociedade. Em testemunho de

tudo isto dou e empenho a minha palavra de honra que no homem que é cavalheiro é um sello sagrado igual ao juramento.*

Meu amigo, em breve será reconhecido membro da U. P. E. C. que em tudo se conforma com as leis moraes, civis e religiosas. Faça com que o seu comportamento nunca seja censuravel e tenha sempre presente in memoria as promessas que fez na obrigação que acabou de tomar. Senhor Mestre de Cerimonias, tenha a bondade de conduzir o candidato á presença do digno Presidente.

O Mestre de Cerimonias volta sobre a direita e, dando uma volta ao redor da sala, acompanha o candidato á presença do Presidente, e durante a volta cantase o 5.º e 6.º versos e côro do hymno.

Mestre de Cerimonias. — Digno Presidente, apresento-vos o candidato para receber as instruções finaes.

Presidente. — Meu amigo, está proximo a receber as ultimas instruções e, por tanto, é meu dever repetir-lhe que se lembre sempre dos preceitos em que ha pouco foi instruido, dos quaes o principal é a protecção d'aquelles que um dia lhe hão de sobreviver; e que o ajudarmos e animarmos uns aos outros e o auxiliarmos-nos mutuamente nas vicissitudes da vida tornaria mais estreitos os laços de amizade que nos devem unir. Se nós fôssemos as unicas pessoas interessadas, seria materia de pouca importancia; mas, meu amigo, esposa, filhinhos e paes cobertos de cans dependem de nós e da nossa protecção. Hoje recebeis aqui lições impressivas que espero ficarão gravadas na vossa memoria. Quando vos esmorecer a coragem no penoso caminho da vida que a todo o momento nos offerece obstaculos, lembrae-vos que o amor dos vossos consocios transforma estes em outros tantos êlos que compõem a cadeia da nossa fraternidade; para vos animardes e, tomando nova coragem, arrostartes com as tempestades da vida que continuamente nos assaltam em todos os nossos empreendimentos. É necessario valor e coragem, não só para proteger os entes que nos são mais caros e chegados, mas tambem para proteger aqueles que promettemos defender e que igualmente nos devem defender, se necessario fôr. Quando o homem forte deixa de proteger o desafortunado, manifesta um caracter defeituoso, mas muito mais quando elle é membro d'esta Sociedade, cujos socios prometeu solememente defender a auxiliar. Lembrai-vos que o povo lusitano se orgulha dos seus antepassados, cujos feitos honram as paginas da historia. Mas não devemos só orgulhar-nos dos nossos antepassados, impõe-se a cada um de nós o dever de elevar o bom nome dos portuguezes e de seus descendentes. Obremos, pois, de maneira que as nossas acções deem prazer ás nossas familias e, quaes vagas do oceano, se desenrollem e vão banhar as moradas dos nossos consocios.

Aqui o Presidente instrue o candidato nos segredos da Sociedade, a saber: Entrada, Passe, Signal de saudação, Toque, Modo de votar por signal, lista ou esfera.

Presidente. — Desejando entrar em qualquer Conselho da União, em sessão, deverá, assim que chegar á ante-camara, pregar no lado esquerdo a insignia da Sociedade e, aproximando-se da porta da sala, dará o alarme seguinte(**). Isto chama a attenção do Guarda Interno que avisará o vice-presidente, e este dará ordem para ver quem está. O Guarda Interno abre o postigo ou porta e pergunta: «Quem está lá?» A isto o meu amigo responderá dizendo o seu nome, e o nome e numero do Conselho a que pertencer. O Guarda Interno fecha o postigo ou porta e informa de tudo o Vice-presidente, o qual o mandará entrar se estiver correcto no Passe. O postigo é de novo aberto pelo Guarda Interno a quem dará o Passe, que no tempo presente é... Esta palavra é mudada annualmente e só o Presidente ou delegado seu a poderá dar. Se der o Passe correcto, será admitido. Abrindo-se-lhe a porta dirigir-se-ha ao centro da sala, e, voltado para o Presidente, fará o signal de saudação do modo seguinte... e assim que o Presidente lhe responder com o mesmo signal, ir-se-ha sentar juntamente com os membros. Desejando retirar-se, levantar-se-ha e pedirá licença ao Presidente. Se-lhe fôr concedida, encaminhar-se-ha ao meio da sala e fará o signal de saudação, e, depois de ser correspondido pelo presidente sahirá. O signal de reconhecimento é dado do modo seguinte... e a resposta é dada da maneira seguinte... O aperto de mão dado do modo seguinte... O signal de votar é feito d'esta sorte... Nas votações por meio de esferas a urna é collocada no centro da sala sobre uma banca destinada para esse fim, e os membros procedem á votação, começando pelo lado direito do Presidente. Na votação por meio de listas procede-se da mesma maneira.

Meu amigo, acaba de ser instruido nos segredos da nossa Sociedade e, por tanto, mui gostosamente o declaro membro da mesma com direito a todos os seus privilegios. Seja prudente, zeloso e activo pois que d'isso depende a estabilidade da Sociedade. Brevemente receberá um Certificado que, por sua morte, os seus legatarios ou beneficiados apresentarão para receberem os beneficios n'elle estipulados. Em qualquer occasião pôde mudar o nome do legatario mencionado no dito Certificado em conformidade com as leis da Sociedade. O Mestre de Cerimonias tenha a bondade de acompanhar o novo consocio á meza do Secretario para assignar o convenio depois de ser-lhe lido.

Depois de assignar o convenio é acompanhado pelo Mestre de Cerimonias á cadeia do Presidente.

Presidente. — (Pregando-lhe a insignia) Meu amigo, ao revestil-o com a insignia da União

Portuguesa do Estado da California, tenho a repetir-lhe que se não esqueça dos deveres que tem a cumprir e das promessas que acabou de fazer; e, para que não allegue ignorancia, offereço-lhe uma cópia da Constituição e Estatutos da nossa Sociedade. Leia-a e estude-a cuidadosamente afim de que comprehenda perfeitamente as nossas obrigações mutuas. Se tomar parte activa nas reuniões, se fôr prompto no pagamento das Fintas, Contribuições e Mensalidades, e se trabalhar sinceramente para o engrandecimento da União, receberá grande recompensa final. Em todos os povos e em todos os tempos a protecção, amor e carinho manifestados pelos paes de familia áquelles que dependiam d'elles, e para cujo bem estar não poupavam safrificios, tem composto uma das paginas douradas da historia da raça humana. Quando a morte lhe vier abrir os umbraes da eternidade, o que a todos ha de fazer um dia, rodeado da sua familia e amigos sentir-se-ha cheio de jubilo e esperanza ao lembrar-se que aquelles que lhe vão sobreviver, ligados pelos vinculos da União Portuguesa do Estado da California, receberão por inteiro o seu quinhão da nossa «Protecção».

Este macete é emblema de auctoridade;* chama o Conselho ou qualquer consocio á ordem e faz sentar os membros;** fazem levantar os officiaes e*** fazem levantar a assembléa. Sr. Mestre de Cerimonias, tenha a bondade de se voltar com o recém-iniciado para a cadeira do senhor Vice-Presidente. Senhores consocios, tenho a immensa satisfação de lhes apresentar o novo membro... e dou um pequeno intervalo para com elle se congratularem.*

O Mestre de Cerimonias volta-se com o candidato para a assembléa e os socios avançam a apertar a mão ao novo membro, que depois é conduzido pelo Mestre de Cerimonias a tomar assento. O presidente chama a assembléa á ordem e continua os trabalhos da sessão.

3.

PROCLAMAÇÃO DO PRESIDENTE SUPREMO, EM 6 DE AGOSTO DE 1980

PROCLAMAÇÃO

Exmos. Officiaes Supremos, Ex-Officiaes Supremos, Directores Fraternais, Officiaes e Membros dos Conselhos Subordinados e Exmos. Convidados:

Estaremos sempre recordados da árdua tarefa dos nossos antepassados, de modo que hoje, nós, os membros, podemos sentir orgulhosos da U.P.E.C.

Como começamos o nosso segundo século de existência, dedicarei o meu ano de 1980-81 ajudando a alcançarmos maiores objectivos para o bem dos nossos conselhos subordinados e suas familias. Sim, e precisarei também do apoio dos nossos conselhos.

Tal como todos os ex-presidentes tentaram comparecer a todas as visitas officiaes, eu pretendo igualmente fazê-lo. Com a vossa ajuda espero ver mais e mais conselhos planeando juntos as suas visitas officiaes. Os custos hoje em dia são elevados e serão maiores ainda antes do final de 1981, pelo que incito cada conselho a discutir este problema nas suas reuniões.

O meu próximo pensamento é continuar a ajudar o programa da juventude. Eu entendo que deveriam existir dois campos de acção e penso reunir com os nossos chefes da juventude para mantermos este laço de compreensão e cooperação que os meus antecessores tão honrosamente preservaram através dos tempos.

É meu desejo continuar o lema da U.P.E.C., que tanto tem fortalecido a nossa organização. Em unidade temos a amizade e amor fraternal por cada um, um laço que nos mantém unidos. Em caridade ajudamos o nosso próximo sempre que há necessidade, dando-lhe segurança e fê. Em protecção, a união de cada membro pelos nossos planos de seguro, protegendo a mais importante instituição, as nossas familias.

No final das minhas palavras, gostaria de expressar as minhas cordiais saudações aos Ilustres Governadores dos Estados da Califórnia e Nevada, ao Ilustre Consul Geral de Portugal em San Francisco, a todas as Sociedades Fraternais, Clero, Rádio e Imprensa.

O meu especial agradecimento ao Conselho N.º 1 e à Comissão da Convenção por proporcionar-nos tão maravilhosa convenção.

Em conclusão, gostaria de desejar a todos um feliz regresso.

Eddie Costa
Supremo Presidente

(Proclamação lida na tomada de posse, que se realizou a 6 de Agosto de 1980, em Oakland, Ca.)

Nota — Eddie Costa, ou Edward Costa, nasceu em Providence, filho de emigrantes dos Açores. Frequentou as escolas americanas e, depois de graduado pela high school, foi empregado durante 35 anos da General Motors. Aderiu à UPEC em 1929. (N. da A.)

4.

EMENTA DO JANTAR DE GALA DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO, EM
1 DE AGOSTO DE 1980

«Menu
Salad à la Pico
Sirloin Tips à las Flores
Rice Pilaff à la Terceira
Cut Beans à la Santa Maria
Mushrooms à la Faial
Dessert à la Corvo
Bread à la São Jorge
Coffee à la Graciosa
Tea à la São Miguel
Lisbon White Wine
Madeira Red Wine»

5.

BALANÇO DA UPEC EM DEZEMBRO DE 1969

Imobilizado	\$ 267.275.43
Investimento	\$ 3.196.039.40
C. Corrente	\$ 150.747.49
Prémios	\$ 305.61
Total	\$ 3.614.367.93
Fundo total	\$ 3.774.305.50
Reservas totais	\$ 3.774.305.50

BALANÇO EM DEZEMBRO DE 1979

Fundo de reserva geral	\$ 4.874.348.97
Fundo de maneo	\$ 203.573.93
Fundo de caridade	\$ 87.405.13
Fundo cultural	\$ 5.007.09
Fundo anual	\$ 121.429.70
Total	\$ 5.291.429.70

6.

OFÍCIO DIRIGIDO AOS OFICIAIS E MEMBROS DA UPEC, 31 DE MAIO DE 1898

«Aos oficiais e Membros do Concelho São João, n.º 3 da UPEC
Irmãos e Senhores:

Participo-lhes que o Concelho San Leandro n.º 1, vai dar um Picnic no dia 24 de Junho de 1898, no San Lorenzo Grove, Alameda Counti, Calif., a beneficio do Irmão João Ignacio Valencio, membro deste Concelho, o qual está doente no leito á 3 annos passados; Agora este Concelho ordenou a dar um Picnic, e o que fosse realizado livre das despesas ser para socorro do irmão Valencio, e pedimos a esse Concelho tanhão a bondade de nos ajudar a vender alguns dos bilhetes, com acto da Caridade para socorrer o dito pobre emfiliz, e para tal caridade lhes mando 20 bilhetes para ser vendidos pelos os membros desse Conselho podendo ser.

Sou em U. C. E. P.

L. A. Martins

Secretário»

7.

IMPRESSO DEVIDAMENTE PREENCHIDO PARA ADMISSÃO DE SÓCIO NA
U. P. E. C.

«REQUERIMENTO PARA ADMISSÃO

Aos Officiais e Membros do Concelho *São João* n.º 3

Ill.mos Srs.:

Eu abaixo assignado, tendo sem preconceitos formado uma boa ideia da União Portuguesa, desejo ser membro do seu concelho, se me julgarem digno. E se for eleito prometto conformar-me com a Constituição, Estatutos, Regras e Regulamentos; e por este meio certificado que presentemente

Eu e minha mulher estamos de perfeita saúde.

A minha idade é 48 annos.

Ocupação, *Lavrador*

Residência, *San Leandro*

Naturalidade, *Santa Luzia, Pico*

Estado, *Casado*

Datado a 29 de *Novembro* de 1892

(Assignatura) *Alexandre Jose da Roza*

(A rôgo) *Jose Pimentel*

Recomendado pelos irmãos *Manuel L. Macedo*

Francisco Pimentel

Junta Investigadora».

Nota — Os itálicos estão escritos à mão. Todo o impresso deve ter sido preenchido, a rogo, por Jose Pimentel. (N. da A.)